

FH admite que não há como conter violência

Durante lançamento de programa, presidente disse que "o que dói é a impunidade"

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso admitiu em seu discurso, durante a solenidade de lançamento do Plano Nacional de Direitos Humanos, não ter como conter a violência. Após citar os recentes e diferentes massacres ocorridos no País, como o de Eldorado de Carajás (PA), Corumbiara (RO) e Carandiru (SP), o presidente desabafou: "E o que dói, o que clama hoje, não é o fato só de existir isso. É a impunidade." Para o presidente, os direitos humanos são o novo nome da liberdade e da democracia.

Os ministros militares não compareceram à cerimônia: Zénildo Lucena, do Exército, estava em Varsóvia; Mauro César Pereira, da Marinha, foi ao Paraguai; e Lélio Lobo tinha outro compromisso. Os líderes do governo no Congresso também não foram ao Planalto, mas não deram explicações.

Os parlamentares presentes pertenciam aos partidos de oposição e faziam questão de avisar que a ausência dos líderes do governo era um sinal claro das dificuldades a serem enfrentadas pelo Planalto para aprovação das propostas. Para entrar em vigor, o Programa Nacional de Direitos Humanos precisa de aprovação de cada projeto de lei no Congresso.

Fernando Henrique advertiu ainda que "a punibilidade na sociedade democrática não pode dispensar a lei,

não pode dispensar o Judiciário, não pode dispensar certas formalidades que, muitas vezes, na indignação, as pessoas querem saltar sobre elas". E acrescentou: "Nós, que já fomos vítimas de violência, sabemos que o recurso ao estado de direito é fundamental."

Segundo o presidente, com a aprovação das propostas, o governo federal não terá mais desculpas para não atuar, sob a alegação de que não existem meios legais. Para mostrar as dificuldades de punição dos culpados pelos crimes contra os direitos humanos, o próprio presidente citou, em seu discurso, o caso ocorrido em Fortaleza, onde um preso acusado de ser traficante de drogas morreu nas dependências da Polícia Federal.

"Acabei de assinar um ato para reparar um caso de violência, de tortura e de morte dentro de uma repartição federal, que foi o único do meu governo", desabafou o presidente. Ele explicou que mandou punir o responsável que, depois, acabou sendo reintegrado. O motivo é que existem vários órgãos que tomam decisões. "Democracia implica nisso tudo."

João Paulo II — Em Roma, o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, entregou ao papa João Paulo II uma cópia do plano lançado ontem. O João Paulo demonstrou grande interesse pela questão dos sem-terra e da reforma agrária. "O papa quis ter informações sobre as ações que o governo está desenvolvendo nessa direção."

■ A íntegra do discurso do presidente está na pág. L4

Foto digital de Wilson Pedrosa/AE



Presidente entrega cheque de R\$ 100 mil a Ermelinda Bronco, mãe do guerrilheiro José Humberto Bronco

Foto digital de Wilson Pedrosa/AE



Mott protesta contra a não-inclusão dos homossexuais no Plano Nacional de Direitos Humanos